

Parâmetros do som: aprendendo com inclusão na escola aplicação da UFPA

Samara Ellen Oliveira do Nascimento
Universidade Federal do Pará
Samara-e@hotmail.com

Comunicação

Resumo: O presente trabalho relata informações pertinentes a execução de oficina sobre parâmetros do som na Escola de aplicação da UFPA, nas turmas de pré I e II nas aulas de música, com os objetivos de atender a necessidade de inclusão dos alunos com autismo, síndrome de Down, déficit ocular e hidrocefalia e um aluno sem diagnóstico formal e integra-los as aulas de música de modo inclusivo para aprendizado tanto da criança com necessidades especiais quanto da criança dita "normal". A necessidade da inclusão durante as aulas de música foram observadas mediante a "exclusão" dos alunos especiais em muitas atividades que necessitavam de ações locomotoras e/ou de elevado nível de concentração. Neste texto encontram-se detalhes das atividades realizadas nas aulas de música, resultados positivos e negativos como a total participação dos alunos nas atividades de forma espontânea dentro de suas limitações e ainda alterações nas atividades previstas, além da metodologia utilizada que foi inspirada nos teóricos Dalcroze e Orff.

Palavras chave: educação; inclusão; música; educação infantil.

Educação musical inclusiva

A educação inclusiva está na Lei nº 9394/96 – LDBN - Educação Especial, que prevê a educação nas escolas de ensino regular, a lei vem dar suporte de garantia dos direitos da criança com necessidades especiais, mas será que o ensino tem sido assegurado a ela? E não somente a criança com algumas necessidades específicas, a criança sem tais necessidades físicas ou intelectuais também possui o direito a diversidade, a conhecer, reconhecer e respeitar as diferenças. Para que o aprendizado ocorra dentro do contexto de inclusão é preciso praticas pedagógicas direcionadas a todos os alunos, sem distinção.

Trabalhar na perspectiva de um processo educacional com práticas pedagógicas fundamentadas na compensação significa formular situações de acessibilidade curricular, metodológica e avaliativa que minimizem os problemas de aprendizagem acarretados pela deficiência, sem com isso eliminar as dificuldades que derivam da deficiência. Portanto, a criança que apresenta algum tipo de necessidade educacional especial necessita de contínuos

momentos de interação, uma vez que sua condição social não é equivalente à das pessoas que não apresentam alguma deficiência. Entretanto, o enfoque não é na quantidade das interações entre os alunos, mas a efetiva participação de todos os alunos nas atividades propostas e orientadas pelo professor. Vale destacar que as interações em si não garantem a aprendizagem e o consequente desenvolvimento. Na dinâmica interativa, os alunos com necessidades educacionais especiais podem se relacionar, interagir com os outros alunos sem, no entanto, experimentarem mudanças em seu processo mental. Isso acontece quando não há um objetivo anteriormente definido. (SILVA; GALUCH, 2009, p. 1767)

A garantia de ensino inclusivo não está somente na presença da criança atípica em sala de aula é necessário um processo educacional que possibilite a participação efetiva de todos os alunos envolvidos sem distinção ou mesmo segregação de um ou outro aluno como afirmam as autoras Silva e Galuch (2009).

Neste trabalho especificamente a inclusão se dá durante as aulas de música da Escola de aplicação da UFPA, a música faz parte do processo educativo que vai além de apenas fazer música, ela é também um meio de expressão, cidadania, convivência, uma relação ampla entre o ser humano que proporciona educação. Fonterrada (2008) ao expressar a visão do teórico Dalcroze sobre a educação musical afirma.

O que Dalcroze entende como educação musical ultrapassa o conceito comumente atribuído a essa expressão, de ensino de música para crianças. Para ele, toda ação artística é um ato educativo e o sujeito a que se destina essa educação é o cidadão, seja ele criança, jovem ou adulto. Seu sistema muito embora se dedique ao desenvolvimento de competências individuais pois é intensamente vivenciado pelo aluno, em um movimento integrado que reúne capacidades psicomotoras, sensíveis, mentais, espirituais é também pensado como agente de educação coletiva. (FONTEERRADA, 2008, p. 128).

Fonterrada (2008) está dizendo que para Dalcroze, educação musical vai além do individual atingindo o coletivo, na vivência e convivência com o outro.

ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UFPA: Turmas Pré I e Pré II.

A princípio foram planejadas 6 atividades sobre parâmetros do som, tais atividades seriam executadas nas turmas de Pré 1 e Pré 2 sequencialmente A, B e C totalizando 6 turmas com 70 crianças no total.

As turmas dispunham de alunos nas idades entre 4 e 6 anos. Dentre elas 3 com autismo, 1 com síndrome de down, 1 com déficit ocular, 1 com hidrocefalia e 1 sem diagnóstico formal.

Todas as turmas são acompanhadas por uma professora titular e sua bolsista, durante as aulas de música as bolsistas dão uma atenção especial para as crianças especiais como no caso do aluno Ezequiel com Hidrocefalia que necessitava de acompanhamento para todas as atividades, pois o mesmo dispunha de baixa locomoção, ausência quase total da fala e alto comprometimento intelectual.

A sala de música é estruturada com equipamento de som, televisão, quadro magnético, aparelho de DVD, além de instrumentos musicais como: Teclado, violão, tambores, pandeiros, ganzás, triângulos, entre outros instrumentos disponíveis para uso das crianças, além de professor formado em música com especialização em educação infantil, trabalhando pela primeira vez como educador musical em escola de ensino regular.

FIGURA 1 – Sala de música da Escola de aplicação da UFPA



Fonte: OLIVEIRA, Samara (2017)

A principal metodologia de ensino do professor de música das turmas de Pré I e Pré II é baseada no canto coletivo e no uso de atividades ligadas a pintura de desenhos musicais. As aulas de música na escola acontecem de segunda a quinta entre 8:20 h da manhã até as 11:40 h, cada turma possui duas aulas na semana com duração de 45 minutos cada aula. Devido a última greve

das escolas e universidades federais, as aulas sofreram um retardamento, conseqüentemente houve algumas alterações no calendário de aula onde os professores precisaram condensar suas atividades para finalizar o semestre sem prejudicar as crianças.

O ESTÁGIO: Parâmetros do som e inclusão.

O tema escolhido se deu por conta da temática abordada pelo professor das turmas que iniciou o ano exercitando com os alunos parâmetros do som (forte e fraco, grave e agudo), em conversa com o professor de música foi combinado a continuidade no assunto aplicado por ele.

Durante as aulas de música assistidas, observou-se a ausência de atividades musicais que atendessem as necessidades das crianças com necessidades especiais, dentre elas apenas Artur (Déficit ocular) conseguia participar cantando, para os demais a atividade era desgastante e desinteressante, não era diferente nas atividades de pintura pois os alunos com síndrome de down, hidrocefalia e autismo demonstravam total desinteresse pela atividade ou mesmo nem uma condição motora para a realização da tarefa como no caso de Ezequiel (hidrocefalia).

A integração das crianças portadoras de deficiência é, sem dúvida, uma questão importante que se impõe no ambiente escolar, onde deveria ser um dos principais locais de inclusão, a participação das crianças portadoras de deficiência nas turmas de pré I e pré II vinha sendo uma falsa integração, pois uma inclusão real implica em participação dentro de suas limitações, dentro desta perspectiva, é necessário reelaborarmos o conceito de educação inclusiva. Incluir a criança com deficiência não é somente colocá-la em uma sala de aula, é preciso integrá-la aos demais colegas e fornecendo subsídios para um aprendizado mais significativo como fala Boneti (2010):

Foram as evidências da desvalorização da Música, no intervir das escolas, mais os longos anos de experiência como professora de música que me levaram a desenvolver um estudo sobre o ensino da música e o quanto ela é importante como facilitadora no processo ensino-aprendizagem das crianças com necessidades educacionais especiais e sua importância como disciplina atuante dentro dos atuais currículos escolares no Brasil. (BONETI, 2010, p. 5)

A inclusão se faz necessária não somente para a criança com necessidades especiais, mas também para os demais colegas como aprendizado e convivência com a criança diferente, no contexto da aula de música, aprender música e inclusão.

A inclusão rompe com os paradigmas que sustentam o conservadorismo das escolas, contestando os sistemas educacionais em seus fundamentos. Ela questiona a fixação de modelos ideais, a normalização de perfis específicos de alunos e a seleção dos eleitos para frequentar as escolas, produzindo, com isso, identidades e diferenças, inserção e/ou exclusão. (RAPOLI; MANTOAN; SANTOS; MACHADO, 2010, p.7)

Dessa forma é importante destacar que a inclusão ocorre de forma natural, trazendo uma convivência harmoniosa entre as crianças, reconhecendo que todas possuem diferenças seja intelectual, física, social, dessa maneira caracteriza-se a escola inclusiva, fornecendo educação com inclusão.

A educação inclusiva concebe a escola como um espaço de todos, no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvem como cidadãos, nas suas diferenças. Nas escolas inclusivas, ninguém se conforma a padrões que identificam os alunos como especiais e normais, comuns. Todos se igualam pelas suas diferenças! A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os excluirá das suas turmas. (RAPOLI; MANTOAN; SANTOS; MACHADO, 2010, p.9)

Dentro dessa perspectiva de inclusão escolar foi pensado o projeto de estágio para as turmas do Pré da escola de aplicação da UFPA, tendo em vista a ausência de olhar atento para essa carência.

Dentre os objetivos foram adotados para o desenvolvimento dos alunos: Concentração, socialização, paciência, parceria.

O objetivo específico do projeto consistia na socialização das crianças com e sem deficiência para maior qualidade no aprendizado de ambas o que desencadeou outros objetivos gerais como: Desenvolver possibilidades para que as crianças com deficiência possam participar

mais das aulas de música com atividades que não comprometam suas limitações e ainda testar novas possibilidades para aulas de música com mais música dinâmica, atividades interativas e apreciativas para ambos os alunos.

A metodologia empregada foi inspirada nos teóricos Dalcroze e Orff, cujas teorias atendem em parte a carência dos alunos com e sem necessidades especiais. Dalcroze, explora todos os modos de aprendizagem: auditivo, kinestésico, visual. Busca melhor coordenação entre olhos, ouvidos, mente e corpo, ou seja, Dalcroze baseia-se nas experimentações sensoriais.

Desta maneira, com a premissa de que o corpo humano é a fonte de todas as ideias musicais e que o movimento afeta a percepção musical, Dalcroze enfatiza a importância de desenvolver sensibilidade em primeiro lugar, para depois expressar os elementos da música: “sinta primeiro, demonstre depois”. Em outras palavras, a experiência sensorial deve preceder o pensamento intelectual, e da mesma forma a prática deve sempre anteceder a teoria, preceito oposto aos paradigmas da educação musical de sua época (MOREIRA, 2003, p. 10)

Orff está ligado ao aprendizado pela atividade criativa; música elementar (canto, fala, movimento, ritmo, dança). O trabalho de Orff com as crianças está pautado em atividades lúdicas: cantar, rimas, no bater palmas, dançar, percutir objetos, além de investimento no movimento corporal, segundo ele, o ritmo é a base sobre a qual se assenta a melodia (MOREIRA, 2003). A improvisação, experimentação é trabalhada logo no início do processo de educação musical de forma orientada e programada, os alunos utilizam-se criativamente de elementos já vivenciados: a fala, movimentos corporais, canto, manuseio de instrumentos percussivos ou melódicos.

Fez-se necessário abordar dois métodos ativos distintos, tendo em vista as necessidades de todos os alunos. Entende-se que os alunos sem necessidades especiais seriam atendidos de forma integral pelos métodos de Dalcroze e Orff e os demais alunos seriam atendidos parcialmente por um ou outro. Importante ressaltar que métodos serviram de inspiração metodológica para a construção de um ensino mais inclusivo.

Escolhi e adaptei 6 atividades musicais que atendessem de melhor forma as turmas dentro de suas limitações para experiência conjunta, sem desprezar as parciaisidades que

ocorreria no processo de aprendizagem das crianças, ou seja, as atividades estavam dispostas a atender ainda que parcialmente as necessidades de todas para que a experiência conjunta entre os alunos os incluíssem no processo de aprendizado naturalmente.

Foram planejadas 6 atividades que seriam executadas em todas as turmas, a saber:

Atividade 1 - Timbres e bambolê

Atividade 2 - Bolinha de sabão

Atividade 3 - Passa passa

Atividade 4 - Som e silêncio com copos

Atividade 5 - Bandinha kids

Atividade 6- Que instrumento é esse?

Atividade 1- Formando uma fila de bambolês no chão, metade das crianças ficarão de frente para eles cada um dentro de seu bambolê, a outra metade com os instrumentos de percussão variados. Antes da brincadeira começar, foram combinados os comandos, por exemplo:

Batidas no tambor = pular dentro do bambolê.

Batidas de pandeiro= pular fora do bambolê.

Balanço de maraca= rodar o bambolê no corpo.

FIGURA 2 – Atividade Timbre e bambolê



Fonte: OLIVEIRA, Samara (2017)

Na sequência as crianças acompanharam os comandos no ritmo de uma música. A música utilizada foi planta bambolê (Palavra cantada), a princípio a sala foi organizada para dois

acontecimentos principais: o clip da música Planta bambolê na televisão com duração de 3 minutos, para momento apreciação, após assistir o vídeo a atividade tomava o espaço do tatame onde as crianças eram divididas em equipes com ajuda dos professores, por exemplo, o professor da turma auxiliava a criança com mais dificuldade de execução, neste caso Ezequiel (hidrocefalia) e eu realizava os comandos dos instrumentos de percussão. A atividade seguia graus de dificuldade de acordo com o perfil da turma atendendo a limitação dos alunos.

Essa atividade teve duração de aproximadamente 20 minutos em cada turma, e percebi que o fluir da aula se deu de modo natural, onde para as crianças o momento da aula de música tornou-se prazerosa e diversificada. Observei também que quanto mais envolvidas com as atividades mais apresentavam resultados positivos no aprendizado e na relação com os colegas. Em determinados momentos da atividade algumas crianças erravam os comandos e seus colegas alertavam uns aos outros quanto a forma correta.

Atividade 2- A aula inicia com o vídeo do grupo Palavra Cantada- bolinha de sabão.

Música

Olha lá uma bolinha de sa X

E lá vem outra bolinha de sa X

Uma, duas, três são bolinhas X XX

Eu adoro ver bolinhas de X sa X bão X

A atividade está na execução do som das bolinhas com percussão corporal, combinando com os alunos os sons graves e agudos feitos com a boca, as mãos, os pés e outras partes do corpo, a música inicia cantada até o momento em que surge a pausa para estourar as bolinhas, assinaladas pelo X.

FIGURA 3 – Atividade Bolinha de sabão



Fonte: OLIVEIRA, Samara (2017)

Então a aula começou mostrando possibilidades de se fazer os sons, desde o som mais grave ao mais agudo. Em todas as turmas foi analisado o perfil e algumas características das crianças para usar na aula. O aluno Guilherme tem o hábito de balbuciar sílabas, então foi combinado com os alunos que o som das bolinhas de sabão estourando seria feito usando as sílabas que Guilherme tem em seu vocabulário. Na sequência cada turma teve uma adaptação diferente como ocorreu com Ezequiel (Hidrocefalia) que não fala, mas tem o costume de mandar beijos para as professoras e colegas de turmas, usando essa característica de Ezequiel as bolinhas de sabão foram executadas com som de beijos.

Atividade 3- A atividade 3 foi descartada em virtude do grau de dificuldade motora de algumas crianças no decorrer da oficina.

Atividade 4- A atividade quatro não foi possível realizar, pois na primeira aula a aluna Sofia (autismo) teve uma crise de ansiedade em sala, então as aulas foram interrompidas para atendê-la. Na sequência da semana não foi possível realizá-la em virtude dos jogos internos da escola. Deixei continuidade as aulas com outra atividade após conversa com o professor de música da turma.

Atividade 5- A atividade aconteceria com as crianças assistindo o vídeo da banda Patofú-primavera (vai chuva), porém algumas alterações foram feitas em virtude da presença de estagiários em sala de aula e do período de carnaval onde as crianças estavam sendo preparadas para o baile que ocorreria na escola. No lugar do vídeo reuni os estagiários e preparamos algumas

músicas de carnaval e baião, fazendo um momento de apreciação musical e propus aos alunos formar a "BANDA DO PRÉ".

FIGURA 4 – Atividade Bandinha Kids (meninos)



Fonte: OLIVEIRA, Samara (2017)

FIGURA 5 – Atividade Bandinha Kids (meninas)



Fonte: OLIVEIRA, Samara (2017)

Foram feitas bandas por turmas, as turmas maiores foram divididas em duas, banda dos meninos e banda das meninas o que gerou euforia por parte dos alunos e professores. Foram entregues instrumentos como: Guitarra de brinquedo, ganzá, pandeiros, panderolas, chocalhos, tambores, acompanhados no teclado e por flauta transversal ora pandeiro.

Atividade 6- Para essa atividade seria exibido o vídeo QUE SOM É ESSE? Do programa Castelo Ratimum com duração de 4 minutos que apresenta vários instrumentos musicais, porém se fez necessário fazer alterações em virtude da presença dos estagiários com quem combinei uma amostra de instrumento para os alunos, onde exibimos e tocamos nossos respectivos instrumentos, flauta doce e transversal, viola, violão, teclado e voz.

FIGURA 6 – Atividade Que instrumento é esse?



Fonte: OLIVEIRA, Samara (2017)

Dando sequência foi conversado com as crianças as diferenças físicas e sonoras das flautas, gerando enorme curiosidade nos alunos que logo perguntavam sobre as flautas e ao ouvir os sons diferentes percebiam o som mais grave na flauta transversal e questionavam o “porquê” de a flauta doce ter o som mais agudo.

Logo as flautas doce e transversal foram escondidas atrás de uma cortina, combinado com as crianças, as flautas foram tocadas aleatoriamente e então os alunos respondiam qual flauta estava soando, só após respondido a cortina abaixava e todos podiam ver se haviam acertado comemorando os pontos alcançados. Em comemoração aos acertos tocamos juntos, alunos e estagiários tendo como instrumento solo a flauta transversal.

FIGURA 6 – Atividade Que instrumento é esse?



Fonte: OLIVEIRA, Samara (2017)

Algumas atividades foram extremamente positivas para o aprendizado inclusivo, como por exemplo a bandinha Kids que se fez necessário a retomada na atividade 6, formando nova formação e banda, essa vez com a flauta transversal.

RESULTADOS

Na execução da oficina de estágio ocorreram resultados positivos no que diz respeito a inclusão, pois foi perceptível a participação de todos os alunos interagindo uns com os outros, participando das atividades ainda que mínimo diante das limitações. Antes de cada aula era conversado em sala que alguns colegas precisavam de mais ajuda do que outros e todos deviam se ajudar, a resposta foi extremamente positiva ao ver que depois de algumas aulas os próprios alunos avisavam aos estagiários sobre as necessidades dos colegas, alertando e ajudando o amigo durante as atividades.

Outro ponto positivo foi nas atividades 1 - Timbres e bambolê e atividade 2 - bolinha de sabão que os alunos além das sugestões de sons diferentes ensinavam as suas professoras e bolsistas em suas respectivas turmas criando sons, dançando e cantando as músicas fora do horário da aula de música.

Durante a execução das atividades, alguns pontos negativos foram aparentes no tempo disponibilizado pelo professor de música que combinado anteriormente seria de 30 minutos, 2 vezes por semana, sendo reduzido para 20 minutos em decorrência da greve já que o professor precisava atualizar suas aulas para cumprir o calendário escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina realizada na escola levanta questões para o aprendizado musical e para a inclusão que é sim possível realizar uma relação de ensino aprendizagem valorizando as diferenças, reconhecendo as limitações, variando as possibilidades de execução de uma mesma atividade e ainda disponibilizar à criança um ensino musical prazeroso para que ela enquanto criança, aprenda e goste de aprender de forma natural, de certa forma brincando. Para isso professores de modo geral e especificamente precisam ser "criança" e aproveitar o potencial de

cada uma, utilizar recursos humanos, audição, visão, tato, movimento, canto e o mais importante, música. Entende-se que não há nada de errado em usar outros elementos artísticos na aula de música, porém a principal nesse cenário deve ser priorizada, a música. Antes de tudo a aula de música deve ser musical e isso é função do professor, dar suporte para que as aulas sejam também agradáveis, sem imposição do silêncio e "disciplina" da criança. Pois entende-se que a criança aprende de forma natural imitando, brincando, sendo criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONETI, Rita Vieira de Figueiredo. **A escola como lugar de integração (ou segregação?) das crianças portadoras de deficiência intelectual.** 2010.

Disponível em; <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-especial-sp-598129159/legislacao>. Acessado em; 21/03/2017

FONTEERRADA, Maria Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação.** São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2005.

MOREIRA, Ana Lúcia Iara Gaborim. **Método Dalcroze: musical para o corpo e a mente.** Universidade estadual paulista –UNESP. Programa de pós-graduação em música, São Paulo, 2003.

RAPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos Santos; MACHADO, Rosângela. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar A Escola Comum Inclusiva.** Brasília; Ministério da educação, secretaria da educação especial; [Fortaleza], Universidade Federal do Pará. 2010.

SILVA, Márcia Aparecida Marussi; GALUCH, Maria Terezinha Ballanda. **Interação entre crianças com e sem necessidades especiais: possibilidades de desenvolvimento.** V congresso brasileiro multidisciplinar de educação especial 3 a 6 de novembro de 2009 - Londrina – PR.